

Chapeuzinho Esfarrapado

**e outros contos feministas
do folclore mundial**

Organização

ETHEL JOHNSTON PHELPS

Prefácio

GAYLE FORMAN

Tradução

JULIA ROMEU

Ilustrações

BÁRBARA MALAGOLI

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright da introdução e das observações sobre os contos © 1978 by Ethel Johnston Phelps

Copyright do prefácio © 2016 by Gayle Forman

Copyright “Tatterhood”, “The Hedley Kow”, “The Prince and the Three Fates”, “Janet and Tamlin”, “Kate Crackernuts”, “The Black Bull of Norway”, “Kamala and the Seven Thieves”, “The Hunted Hare”, “The Young Head of the Family”, “The Legend of Knockmany”, “The Lute Player”, “Clever Manka”, “The Shepherd of Myddvai and the Lake Maiden”, “The Squire’s Bride”, “Wild Goose Lake”, “The Enchanted Buck” e “Mastermaid” © 1978 by Ethel Johnston Phelps

Informações de copyright continuam na p. 245.

Publicado originalmente em inglês por The Feminist Press, Nova York, NY, 1978.

Publicado mediante acordo com The Feminist Press, juntamente com sua representante designada Villas-Boas & Moss Agência Literária.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Tatterhood and Other Tales

CAPA Bárbara Malagoli

PROJETO GRÁFICO Tamires Cordeiro

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Luciane Gomide Varela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chapeuzinho esfarrapado e outros contos feministas
do folclore mundial / organização Ethel Johnston Phelps ;
introdução Gayle Forman ; tradução Julia Romeu ; ilustrações
Bárbara Malagoli. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: Tatterhood and Other Tales

Bibliografia

ISBN 978-85-5534-020-8

1. Contos de fadas 2. Contos folclóricos 3. Folclore –
Literatura juvenil I. Phelps, Ethel Johnston. II. Forman, Gayle.
III. Malagoli, Bárbara.

16-06917

CDD-398.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas Folclore 398.2

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501


www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



Sumário

<i>Prefácio</i> — Gayle Forman	9
<i>Introdução</i>	15
	
1. Chapeuzinho Esfarrapado	27
2. Unanana e o elefante	37
3. O kow de Hedley	43
4. O que aconteceu com seis esposas que comeram cebola	48
5. O príncipe e seus três destinos	55
6. Janet e Tamlin	63
7. A lagarta gigante	70
8. Kate Quebra-Nozes	74
9. A filha do lorde e o filho do ferreiro	83
10. Kupti e Imani	101
11. Três mulheres fortes	113
12. Manka, a esperta	126
13. O menestrel e seu alaúde	133





14. A lebre perseguida	141
15. Kamala e os sete ladrões	144
16. O Touro Negro da Noruega	153
17. A lenda de Knockmany	160
18. A jovem chefe de família	168
19. O pastor de Myddvai e a Dama do Lago	175
20. A noiva do lorde	181
21. O Lago da Gansa Selvagem	186
22. O cervo encantado	192
23. Bucca Dhu e Bucca Gwidden	201
24. A Grande Mestra	205
25. Em busca do lago mágico	215
.	
<i>Observações sobre os contos</i>	227
<i>Sugestões de leitura</i>	241
<i>Agradecimentos</i>	244



Prefácio^{*}

Gayle Forman

As histórias são importantes.

Elas estão entre as primeiras coisas que escutamos. *Era uma vez*, a mãe ou o pai sussurra para o bebê. E uma história começa.

Durante a infância, nadamos em histórias. Marinamos nelas. Nós as repetimos, as modificamos, as entrelaçamos com as histórias e as identidades que vamos desenvolvendo. Nós as usamos para explorar aventura, perigo, independência, romance. Pegamos personas emprestadas e testamos personalidades — internalizando personagens e todos os códigos que vêm embutidos neles e que indicam o que significa ser um herói, uma heroína, um homem, uma mulher, ser salvo, salvar, ser valorizado.

As histórias são importantes.

Pouco tempo atrás, levei minhas duas filhas para assistir a uma adaptação para o cinema de *Cinderela*, uma das

* Este prefácio foi publicado originalmente em *Tatterhood: Feminist Folktales from Around the World*, reedição da obra pela editora The Feminist Press, em 2016. (N. E.)

histórias mais antigas que existem. Não estava esperando muito. Mas, após a leva recente de contos de fadas mais feministas a surgir na tela grande, não esperava que a fantasia fosse tão acentuada. Que o Príncipe Encantado não apenas fosse salvar a mocinha, mas que a melhor maneira de uma jovem mulher agir diante da adversidade — e até do abuso — fosse sorrir, cantar uma canção e demonstrar uma paciência agradável.

Fiquei mortificada. *Horrorizada*. Senti que as expusera a algo tóxico e insidioso. Aquela não era uma lição de vida que desejava que colocassem em prática. Nunca. (Já elas não acreditaram que eu estava tão nervosa e incomodada com um *filme*. Mas eu estava.) Não consegui acreditar que em 2016 esse mito ainda tinha poder. Que essa história ainda era um objeto de desejo para as pessoas (e, a julgar pelos suspiros na plateia quando o Príncipe Encantado colocou o sapatinho da Cinderela, era mesmo).

Mas é claro que era. Essa história é tão confortável e familiar quanto um cobertor macio. É a mesma história que meninas e mulheres ouvem há décadas. Ela afirma que um final feliz é algo dado — não alcançado — e que a melhor maneira de obtê-lo é esperar pacientemente, de preferência cantando uma musiquinha bonita.

Não há muitas musiquinhas bonitas nos contos de *Chapeuzinho Esfarrapado*. O que estas histórias contêm é valentia e iniciativa, esperteza e coragem, humor e compaixão. Pensem, por exemplo, em Chapeuzinho Esfarrapado, uma jovem que usa roupas rasgadas e não desperdiça energia se preocupando com sua aparência (“Vou assim, como estou”, responde, rindo, quando lhe oferecem um vestido bonito), pois está ocupada demais enganando trolls, comandando

navios e salvando irmãs do perigo. Ou nas mulheres deliciosamente irreverentes de “O que aconteceu com seis esposas que comeram cebola” que, quando se cansam das reclamações dos maridos sobre seu hálito desagradável, dão um pé na bunda dos resmungões para subir ao céu e virar estrela. Ou Maru-me e sua mãe e avó em “Três mulheres fortes”, que fazem um campeão de luta se sentir humilde e ensinam a ele o que é força de verdade. Ou... eu poderia citar todas elas.

Em conjunto, as heroínas desta antologia tornam o heroico algo mais difícil, mas, ao mesmo tempo, alcançável para a maioria das meninas.

Porque, nessas histórias, essas meninas podem se ver: ver quem são e quem sonham ser.

As histórias são importantes.

São importantes por serem espelhos e janelas.

Quando uma menina lê ou vê um desses contos de fadas tradicionais estagnados, machistas e opressores, será que a imagem que verá refletida se aproximará de quem ela é? Provavelmente não. Talvez até distorça quem ela é ou sutilmente deprecie a mulher que deseja ser.

Mas nesta coletânea maravilhosa e inteligente, o espelho brilha sobre dúzias de imagens cintilantes, refletindo e reforçando as diversas maneiras possíveis de ser valente, gentil, forte e elegante, de salvar alguém, de ser uma heroína, de ser uma menina e de ser um menino. E o melhor de tudo é que esses reflexos realmente se parecem com os leitores. As histórias de *Chapeuzinho Esfarrapado* são uma seleção de contos folclóricos do mundo todo; incluem histórias sudanesas, dos povos nativos da América, escocesas, irlandesas e japonesas. O que significa que os

personagens refletem tanto a diversidade das meninas do mundo quanto a diversidade da humanidade em geral.

E isso é importante. Muito importante.

Alguns meses depois de assistir a *Cinderela*, eu estava começando a ler *Chapeuzinho Esfarrapado* enquanto esperava minha filha mais nova terminar uma aula de hip-hop. Um menino de cerca de dez anos que estava sentado ao meu lado espiou e disse:

— Ah, eu adoro esse livro.

— Esse? — perguntei, apontando para um romance voltado para o público jovem que estivera lendo antes, sobre adolescentes e violência policial.

— Não, esse — respondeu ele, apontando para *Chapeuzinho Esfarrapado*. — Minha mãe leu para mim.

Eu tinha acabado de começar e, por isso, perguntei de que história ele gostava mais.

— A da moça e do elefante — respondeu o menino imediatamente.

— “Unanana e o elefante?” — perguntei.

Já tinha lido aquela, sobre Unanana, a mãe que consegue libertar os filhos depois que eles são engolidos por um elefante. Nós discutimos a maneira como Unanana encontra o elefante e a consideramos especialmente inteligente por ter preparado a panela de feijão antes, para assim poder alimentar as crianças famintas dentro da barriga dele. E concordamos que um prato de feijão dá uma satisfação enorme.

Enquanto discutíamos o livro, me dei conta de que havia subestimado não apenas o menino (por que ele não iria gostar de um livro só por trazer histórias com protagonistas mulheres?), mas o poder da história em si. Foi um lembrete esclarecedor de que esta coletânea oferece janelas

e espelhos para meninos também. Ver a si mesmos como, talvez, desejem ser — parceiros com os mesmos direitos, ajudantes de grande valor e, às vezes, beneficiários de um bom resgate — e ver meninas retratadas não como donzelas indefesas, mas como as pessoas fortes e capazes que eles sabem que elas são.

As histórias são importantes.

Pelas realidades que refletem e as aspirações que iluminam. Pelos meninos e pelas meninas. Pelas mulheres e pelos homens. São importantes porque, depois de milhares de anos, ainda são a maneira como explicamos quem somos e quem desejamos ser.

Quem desejamos ser? Quem desejamos que nossas filhas sejam? E nossos filhos?

Pense nisso. E conte a história.

Introdução*

As histórias deste livro foram escolhidas por uma característica especial que as diferencia de outros contos folclóricos e contos de fadas.** Elas têm meninas e mulheres ativas e corajosas nos papéis principais. As protagonistas são heroínas no sentido verdadeiro e original da palavra — mulheres que se destacam por sua coragem e por suas realizações extraordinárias.

Heroínas ativas não são comuns nos contos folclóricos que sobreviveram através de edições impressas — e foram esses sobreviventes que se tornaram as maiores fontes dos contos que conhecemos hoje. Já que eles vêm da literatura folclórica que começou a ser traduzida para o inglês no século XIX, refletem uma ótica proveniente da Europa

* Introdução à primeira edição do livro, publicada em 1978 pela editora The Feminist Press. (N. E.)

** A expressão “contos de fadas” muitas vezes é usada em referência a contos folclóricos voltados especialmente para crianças, a contos folclóricos que lidam com elementos sobrenaturais ou a um conto revisado ou criado por um autor conhecido. Além disso, contos de fadas e contos folclóricos às vezes são considerados sinônimos. Como todas as histórias deste livro são contos folclóricos genuínos, essa foi a expressão que escolhi usar.

ocidental. Portanto, não é possível dizer se as observações feitas aqui se aplicam a toda a literatura folclórica ou apenas às histórias publicadas que herdamos.

A imensa maioria dessas histórias tem heróis homens, com meninas e mulheres em papéis menores e subservientes, ou então mostram jovens como a Cinderela ou a Bela Adormecida, que aguardam, passivas, pelo seu destino. Nos contos que sobreviveram, raramente encontramos meninas e mulheres que de fato são heroínas, exercendo um papel de liderança e resolvendo os problemas apresentados pelo enredo. Precisamos lembrar, é claro, que entre os inúmeros contos folclóricos orais de todas as culturas do mundo, alguns com mais de mil anos de tradição, muitos foram perdidos ao longo de séculos de transmissão verbal. Só podemos conjecturar quantos desses contos perdidos tinham heroínas ativas.

O nacionalismo emergente do século XIX trouxe consigo um súbito interesse nos contos orais das pessoas comuns. Essas histórias eram vistas como uma tradição nacional em vias de desaparecer, que devia ser registrada e preservada. Os irmãos Grimm começaram essa tarefa com a publicação dos *Contos de Grimm* na Alemanha em 1812; outros estudiosos europeus e britânicos logo fizeram o mesmo.

Poucas mulheres publicaram coletâneas de histórias locais no século XIX. Quase todos os coletores de contos folclóricos do período eram homens com educação superior, de uma classe social diferente dos contadores de histórias rurais que abordavam. Para europeus fazendo esse trabalho de coleta na Ásia e na África, o fator étnico provavelmente foi um impedimento a mais na hora de obter contos que de fato representassem outras culturas.

Os folcloristas Andrew Lang, George W. Dasent e Stith Thompson, por exemplo, escreveram sobre as dificuldades que todos os praticantes dessa profissão tiveram ao coletar contos. Embora mulheres, e em particular as mais velhas, fossem “o repositório desses tesouros nacionais” (os contos folclóricos de uma nação) e as melhores fontes de contos de fadas e contos sobrenaturais, algumas camponesas, de acordo com os registros, não estavam dispostas a divulgar suas histórias para os coletores, por medo de serem ridicularizadas. Esses registros se referem a diversas áreas da Europa, mas a mesma observação foi feita por Sarah F. Bourhill e Beatrice L. Drake, que publicaram histórias reunidas na África do Sul na virada do século XIX para o XX. Entre os negros do país, observaram elas, as mulheres em geral eram as contadoras de histórias das aldeias; no entanto, essas mulheres disseram a Bourhill e Drake que temiam ser ridicularizadas se contassem suas histórias para os brancos.*

Muitas mulheres, é claro, contaram suas histórias para folcloristas, mas a hesitação de algumas no mínimo sugere que as histórias que estavam dispostas a relatar deviam ser aquelas que achavam que seriam socialmente aceitáveis e agradáveis ao coletor. Levando tais fatores em conta, embora a preservação e a transmissão oral de contos folclóricos fossem compartilhadas há séculos por mulheres e homens do campo, parece provável que a proporção de contos conhecidos pelas mulheres que foram coletados, registrados e publicados tenha sido muito menor. A escassez de mulheres e meninas heroicas nos contos folclóricos disponíveis hoje talvez seja uma das consequências disso.

* *Fairy Tales from South Africa*. Londres, 1910, introdução, p. v.

De qualquer maneira, as mulheres sempre tiveram um envolvimento profundo no processo de preservar e transmitir esses contos espantosamente criativos. Elas ouviam e contavam essas histórias enquanto trabalhavam, ou em seus momentos de lazer. Seu repertório muitas vezes era vasto, e elas eram contadoras habilidosas, passando os contos adiante para sucessivas gerações de mulheres. A expressão “conto da carochinha” (sinônimo de mulher velha ou bruxa) ganha um significado novo e mais positivo, pois esses contos foram, na verdade, a fonte riquíssima e variada da tradição da literatura folclórica de cada nação.

Alguns contos folclóricos foram publicados no século XVIII em edições especificamente voltadas para crianças, mas foi apenas na segunda metade do século XIX que as histórias se tornaram uma parte definitiva da literatura infantil. As diversas edições de contos de fadas de Andrew Lang se tornaram muito populares. Nesse contexto, vale notar que, embora ele tenha selecionado as histórias, foi Leonora Alleyne Lang, sua esposa, quem traduziu e adaptou para jovens leitores a maior parte da coletânea, que chegou a conter trezentos contos. Parentas e amigas contribuíram com as restantes. No final do prefácio de cada um dos livros, Andrew Lang reconheceu todas essas contribuições. “Minha parte”, escreveu ele, “foi a de Adão [...] no jardim do Éden. Eva trabalhava, Adão supervisionava. Eu também supervisiono [...]. Descubro onde as histórias estão e dou palpites.”* Ainda assim, ele nunca achou necessário incluir o nome da esposa na capa do livro, com o seu.

As edições de contos de fadas de Andrew Lang, como

* Andrew Lang, *The Lilac Fairy Book*. Londres, 1910, prefácio, p. viii.

todas as coletâneas do tipo, eram compostas por histórias adaptadas. Este livro não foge à regra. Leitores adultos às vezes se sentem desconfortáveis com a adaptação de contos folclóricos, defendendo que não deveriam ser modificados. Mas nem sempre fica claro que versão da história é autêntica e o que significa essa modificação.

Na verdade, a única certeza que temos em relação a contos folclóricos tradicionais é que eles são constantemente adaptados, com novos contadores mudando alguns detalhes e enfatizando outros, de maneira a se amoldar tanto à época quanto à plateia local. Existem diversas versões ou variações da maioria dos contos, que muitas vezes surgem em países diferentes ou regiões diferentes do mesmo país. Não existe uma versão “autêntica” de um conto folclórico.

As histórias desta coletânea foram adaptadas, mas todas são contos folclóricos tradicionais. Ao editar e às vezes adaptar esses contos, meu propósito geral foi tornar mais clara a história básica, de modo que as crianças de hoje possam desfrutar melhor dela. Como a evocação de um tempo e de um local distantes são boa parte do encanto de uma história, mantive-me fiel ao estilo das fontes e conservei boa parte de sua linguagem, inclusive algumas palavras obsoletas. Em algumas histórias, mudei certos detalhes extrínsecos e pouco importantes, mas o enredo e os personagens permaneceram inalterados. Elementos de violência ou crueldade que não serviam a um propósito essencial para a história, no entanto, foram omitidos ou moderados; assim como uma ênfase desnecessária na beleza física fora do comum. Três dos contos — “Kamala e os sete ladrões”, “A Grande Mestre” e “O príncipe e seus três destinos” — foram editados com o propósito de obter uma história mais

compacta. As seleções são variadas em termos de tom e estilo e vão das adaptações plácidas de Andrew Lang (“Kupti e Imani”) e de Bourhill e Drake (“O cervo encantado”), já clássicas, a versões modernas e divertidas, como “A filha do lorde e o filho do ferreiro” e “Três mulheres fortes”.

No passado distante, a arte de contar histórias era uma grande fonte de entretenimento para a comunidade e a família. Os contos eram usados e apreendidos de maneiras que não são centrais às necessidades contemporâneas. Naquela época, assim como agora, ofereciam uma fuga temporária da realidade para o reino da fantasia, distraindo a mente e estimulando a imaginação. Às vezes, as histórias serviam para explicar ou racionalizar os terrores do inexplicável e do mundo físico desconhecido. Como seus temas ecoavam as experiências e crenças acumuladas de um povo, os contos eram cápsulas de saber folclórico, ensinando e redefinindo valores morais e sociais. Ao promover mensagens através de implicações e não de morais óbvias, supriam material para reflexões e discussões.

A ação desses contos de aventura em geral se desenrola através de encontros com o sobrenatural. Mas, quer o enredo trate de criaturas sobrenaturais ou de humanos, os problemas apresentados testam o caráter das protagonistas. Embora possam ser ajudadas por magias ou sábios conselhos, é sua coragem, ousadia ou inteligência que lhes permite combater de maneira bem-sucedida as diversas forças do “mal”. Essas forças podem ser mais ou menos fortes, indo do gigante canibal de “A Grande Mestra” até o aristocrata odioso de “A noiva do lorde”. Uma característica dos contos folclóricos é de fato sugerir que a bondade vai triunfar sobre o “mal”.

Embora os traços positivos mostrados pelas bem-sucedidas protagonistas ainda sejam carregados de significado hoje, fica claro que os costumes sociais dessas velhas histórias, assim como alguns de seus valores, são antiquados. Como, então, continuam a atrair e entreter o público contemporâneo? Uma resposta é que sempre haverá quem se interesse por uma bela história de aventura com elementos sobrenaturais. O gosto por histórias que envolvam o irracional e o desconhecido, assim como a vontade de escapar da realidade, não diminuiu. Na verdade, parece se tratar de uma necessidade universal tanto entre adultos quanto entre crianças. Algumas qualidades literárias dos contos folclóricos também não têm idade — o humor irreverente de “A lenda de Knockmany” ou de “A noiva do lorde”, por exemplo. E, nos temas implícitos, encontramos opiniões sobre questões pessoais e sociais que ainda nos preocupam: como os casais devem levar adiante seu relacionamento; como mulheres mais velhas encaram circunstâncias ameaçadoras; como pessoas jovens resolvem dilemas próprios ou da comunidade. Embora os temas se desenrolem num ambiente de feitiços, gigantes, fadas e trasgos, a experiência imaginativa pode ser a semente do pensamento criativo aplicado a um mundo mais prosaico. Essa talvez seja outra das razões pelas quais contos folclóricos são uma das poucas formas de literatura infantil que agradam a “crianças de todas as idades”.

Os contos folclóricos também servem para nos ligar ao passado, tanto no sentido de uma tradição compartilhada por muitos como individualmente — pois, em geral, é o adulto que gostava dessas histórias na infância que deseja compartilhar a mesma diversão com as crianças.

A satisfação emocional que os pequenos tiram desses contos surge não apenas do fato de o protagonista ter sucesso ou boa sorte apesar de probabilidades baixas, mas de ver os malvados sofrendo as consequências da justiça — como acontece com frequência com as crianças que se comportam mal. Com a segurança do tradicional final feliz dos contos de fadas, elas podem desfrutar de aventuras perigosas.

Nem todos os contos que sobreviveram até hoje exemplificam os méritos que acabaram de ser discutidos ou têm a aprovação total de pais e professores. A crueldade e a violência dessas histórias são motivo de preocupação há algum tempo. Recentemente, pensadoras feministas criticaram os contos por sua ênfase exagerada na beleza física, assim como pela predominância de personagens femininas dóceis e passivas ou completamente cruéis.

O perigo — ou o valor — da crueldade e da violência na ficção infantil é, claro, um assunto controverso, que diz respeito não apenas à literatura clássica, mas também a programas de televisão e histórias em quadrinhos. Entre os folcloristas, os irmãos Grimm são aqueles que com mais frequência receberam críticas pelo lado sangrento de suas coletâneas. É útil lembrar, no entanto, que os contos folclóricos originalmente se destinavam a uma plateia adulta, que há muito não existe. Muitos detalhes descritivos dos contos folclóricos refletem o período e as atitudes das sociedades nas quais surgiram. Esses detalhes não são sagrados e sua alteração em geral não afeta o tema, o enredo e os protagonistas da história. O que importa para o significado dela é que a justiça seja feita de maneira inequívoca — o que nem sempre requer que se adotem todos os detalhes

vingativos da fonte. Não chega a surpreender que atitudes diferentes em relação a torturas e punições cruéis tenham influenciado a escolha dos contos e a maneira como foram adaptados, como no caso da seleção feita para este livro.

Apesar de críticas feministas terem condenado a convenção de uma heroína de beleza superior, nem todos concordam com isso. Alguns críticos sugerem que a beleza da heroína não é a perfeição superficial de olhos, pele e cabelos, mas todo o encanto de uma pessoa alegre e radiante, um símbolo da beleza interior que vem da personalidade. Essa interpretação, no entanto, é um conceito adulto que talvez não seja compreendido por qualquer criança; sem dúvida, para muitas delas, é desencorajador ler que todas as heroínas são extremamente bonitas. Além disso, o mais importante é que ser valorizada principalmente pela beleza diminui as outras qualidades que a heroína talvez possua. Embora elementos de beleza extraordinária, assim como de crueldade e violência extraordinárias, sejam parte integral de alguns enredos, em muitos contos são filigranas que podem ser descartadas sem que isso afete a história.

No entanto, embora seja possível revisar alguns elementos dos contos folclóricos sem destruir sua integridade, fato é que a maioria deles retrata mulheres e meninas de maneira pejorativa. Não gostaríamos que todas as imagens ficcionais femininas fossem uniforme e irrealisticamente admiráveis. O perturbador é que, apesar de estereótipos de ambos os sexos serem comuns em contos folclóricos, há uma presença marcante de mulheres mais velhas sendo mostradas como bruxas assustadoras ou malévolas e de jovens moças como criaturas desamparadas ou passivas. Entre os contos que sobreviveram até nossos dias, o número

daqueles que contêm anciãs cativantes e jovens mulheres ativas e inteligentes é pequeno demais para que haja um equilíbrio. Nos 25 contos deste livro, você encontrará mais de cinquenta mulheres e meninas, sendo que apenas duas delas — a mãe ciumenta de “Kate Quebra-Nozes” e a irmã maliciosa de “Kupti e Imani” — são lamentavelmente repugnantes. É verdade que isso coloca um peso considerável num dos lados da balança — mas isso era extremamente necessário.

Além de ter objeções às convenções dos contos folclóricos mencionadas, alguns leitores adultos questionam a relevância das rainhas, reis, príncipes e princesas onipresentes neles para as crianças contemporâneas. No entanto, assim como para os camponeses que criaram esses contos, para elas esses monarcas são símbolos de poder e fortuna e, como tais, representam uma força maior do que aquela possuída por eles. Esses aristocratas também existem num mundo de fantasia que as crianças, assim como os camponeses do passado, compreendem com facilidade.

As rainhas, os reis, os príncipes e as princesas dessas histórias não parecem com nenhum membro da realeza, nem de antigamente nem de agora. Na verdade, parecem com os proprietários de terra ou fazendeiros ricos que eram, de fato, a classe dominante das regiões rurais da Europa ocidental. Suas ações e seus comportamentos correspondem aos da família de um proprietário de terras abastado. Um príncipe vai ao estábulo do castelo selar seu próprio cavalo, uma princesa arruma um trabalho de empregada, outra é mandada à rua para comprar ovos frescos, um rajá escuta os lamentos de um pobre barbeiro e lhe dá um lote de terra — e por aí vai. Os “reinos” são muito pequenos, mais

ou menos do tamanho de uma aldeia, e uma caminhada de um dia muitas vezes leva o protagonista ao próximo. Esse mundo não dialoga apenas com os camponeses do passado, mas também com a experiência limitada das crianças.

A sociedade mostrada é, em geral, simples; nesse mundo desprovido de complexidade e completamente fictício, camponeses e soberanos se misturam e conversam, movendo-se com pouca dificuldade entre um nível social e outro. Às vezes, um título de nobreza ou fortuna é obtido através da esperteza ou de um casamento vantajoso. Seja qual for o meio, são as virtudes e habilidades do protagonista que trazem a recompensa material que tantas vezes é incluída no final feliz.

O casamento também é um final feliz tradicional e pode parecer antiquado para os padrões de adultos que desejam promover o respeito a pessoas solteiras de ambos os sexos. Essa visão progressiva de fato tem avançado, apoiada pela economia da sociedade urbana. Os contos, por outro lado, surgiram da experiência de um povo rural que precisava se preocupar com sua sobrevivência, e cujas esperanças e medos estavam ligados a isso. O casamento trazia o estabelecimento de um lar próprio e a continuidade através da prole, oferecendo um lugar estável dentro da estrutura social e econômica — tudo isso era necessário para a sobrevivência e a prosperidade da população rural. Assim, a ideia de “casaram e viveram felizes para sempre” simboliza todas as recompensas materiais, sociais e pessoais obtidas pelo protagonista, seja homem ou mulher. Alterar isso, nesses casos, seria tirar o significado do conto. Na maioria dos contos folclóricos, o casamento ao final é um fato negativo para as personagens femininas porque a “heroína” não faz

nada além de ficar esperando por esse desfecho, sem ter nenhum poder sobre seu destino e nenhum envolvimento ativo em escolher ou planejar as circunstâncias de sua vida futura.

Os contos deste livro descrevem heroínas e heróis de muitos tipos, mas todas as protagonistas mulheres, de uma maneira ou de outra, têm papéis ativos e tomam decisões que mudam o rumo de suas vidas. É isso que as separa das heroínas “estáticas” que em geral encontramos em coletâneas de contos folclóricos. Entre os poucos contos ainda existentes com heroínas de verdade, selecionamos uma galeria de mulheres e garotas fortes e adoráveis para nossos leitores de todas as idades.